

GESTÃO DAS FINANÇAS PESSOAIS: UMA VIDA ECONOMICAMENTE CORRETA

Emilso Alves de Queros Costa¹

Diego Silva Souza²

Igor da Silva do Amaral³

Ciências Contábeis



**cadernos de
graduação**

ciências humanas e sociais

ISSN IMPRESSO 1980-1785

ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

RESUMO

Este artigo tem como objetivo promover a consciência e a importância da gestão financeira pessoal e sua prática, destacando a influência de tal gestão na vivência diária e para o futuro, de modo a proporcionar reflexões e exame dos meios e formas de controle, bem como a produção e diligentemente o abastecimento de uma planilha de controle de gastos onde o indivíduo aplicará para gerenciar seus recursos, obtendo um fiel levantamento de informações pessoais e fundamentais sobre autoadministração financeira, acarretando assim a organização do orçamento pessoal de maneira eficaz para não ascender a um endividamento sem fim. Neste sentido, a presente temática mostrará a necessidade de aquisição de hábitos de controle contábil, não só para fins de poupança e domínio de impulsos consumistas, mas de um autogerenciamento, utilizando os recursos de forma prudente para conseguir um resultado satisfatório na saúde financeira pessoal. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica de caráter exploratório, com a contribuição de personalidades reconhecidas para enriquecimento e confirmação da linha de raciocínio teórica. Acredita-se que, com a presente iniciativa e abordagem temática, será possível disseminar conhecimentos de finanças na esfera pessoal para gerar a qualidade de receitas e gastos individuais.

PALAVRAS-CHAVE

Controle. Finança. Investimento. Planejamento. Rendimentos.

Abstract

This article aims to promote awareness and the importance of personal financial management and its practice, highlighting the influence of such management on daily life and for the future, in order to provide reflections and examination of the means and forms of control, as well as the production and diligently supplying an expense control spreadsheet where the individual will apply to manage their resources, obtaining a faithful survey of personal and fundamental information about financial self-administration, thus leading to the organization of the personal budget in an effective manner so as not to rise to indebtedness without end. In this sense, the present theme will show the need to acquire habits of accounting control, not only for the purpose of saving and mastering consumerist impulses, but for self-management, using resources prudently to achieve a satisfactory result in personal financial health. The methodology used was exploratory bibliographic research, with the contribution of recognized personalities for enrichment and confirmation of the theoretical line of reasoning. It is believed that, with this initiative and thematic approach, it will be possible to disseminate knowledge of finance in the personal sphere to generate the quality of individual income and expenses.

KEYWORDS

Control. Finance. Investment. Planning. Income.

1 INTRODUÇÃO

A contabilidade é uma ciência de atuação e de grande relevância socioeconômica, por vezes reduzida tão somente à interpretação empírica de performance e assessoria empresarial, promovendo assim, um estigma próprio de tal ciência para assuntos de grande escala de investimentos, patrimônios, impostos, encargos, entre outros.

No entanto, suas diversas ferramentas e métodos quantitativos possui elevado exercício em outras esferas, tornando-se instrumento útil na tomada de decisões, no auxílio individual nas finanças pessoais de forma sistematizada, com uso de conceitos contábeis na detenção do controle do capital, tanto para profissionais com remuneração fixa quanto variável, sendo que este último merece uma atenção mais rígida, uma vez que, diante da variação do fluxo de caixa, precisam estar atentos ao planejamento e controle financeiro pessoal a fim de não trazerem riscos para seu patrimônio.

Para Klontz e Klontz (2011), os princípios básicos da saúde financeira não são complexos e são os mesmos quer sejam voltados para uma pessoa, uma família, uma empresa ou um país: “poupe hoje e invista para o futuro” (grifo nosso). Mas tais regras parecem não funcionar para muitos e em nenhum outro momento recente a saúde financeira coletiva esteve tão comprometida.

Com as fortes modificações promovidas pelo Plano Real em nosso sistema financeiro, a alteração do cenário inflacionário da época e o possível equilíbrio econômico nunca visto antes, os brasileiros adquiriram maior poder de compra e cada vez mais hábitos de consumo que, somando-se à falta de educação financeira, resultou em acúmulos e endividamentos.

Com a crise atual que atingiu o Brasil ao longo dos últimos três anos, muitos sentiram a necessidade de mudança em seu comportamento de consumo. Contudo, uma boa parcela da população ainda sofre as consequências da má administração dos seus recursos, cultivando hábitos consumistas, excessos de parcelas, compras por impulso, juros de cartões de crédito, entre outros. Prova disto são os resultados da pesquisa realizada pela *Decision Analytics* da *Serasa Experian* (DASE) em maio de 2018, onde o número de consumidores inadimplentes no país era de 61,4 milhões, o maior desde o início das pesquisas, realizado em 2016; na comparação com maio de 2017 (61,0 milhões), o índice teve aumento de 0,7% (DASE, 2018).

O planejamento, levando em consideração a situação corrente, aparece como ferramenta essencial quando se pensa em equilíbrio. No entanto, não é preciso ser um *nerd* em finanças para alcançar a organização financeira, entretanto é fundamental pensar nos benefícios a longo prazo, criar propósitos no decorrer da vida, educar-se financeiramente, começar a ter compreensão do que é orçamento doméstico, fluxo de caixa, liquidez, rentabilidade etc., e assim, como em um jogo de xadrez, cujo monta-se estratégias para alcançar à vitória, ter uma vida financeira com metas traçadas, desenvolvendo e planejando a curto e longo prazo para impetrar o objetivo, pois quanto mais você aperfeiçoar sua organização financeira, menos dúvida terá na hora de fazer escolhas de consumo, investimento e realizações pessoais, e mais eficientes serão essas opções (CERBASI, 2015, p. 13).

Diante do exposto, o presente artigo tem como objetivo promover a orientação eficaz, bem como a importância da educação financeira, por meio de uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa e caráter exploratório, com intuito de agenciar a melhor compreensão sobre o tema, por meio da apresentação de subsídios necessários para o conhecimento de práticas e ferramentas contábeis, úteis e importantes na área pessoal, retratando sobre essa proposta um controle das receitas e despesas para redução dos gastos, melhorando a administração das rendas e fundando investimentos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O PANORAMA HISTÓRICO DA GESTÃO FINANCEIRA

A gestão financeira aflorou no final do século XIX na Europa, devido ao crescimento do sistema capitalista com a industrialização, formação de mercados, bancos e comércios, gerando a necessidade de as empresas implantarem um sistema financeiro organizado.

Desde então, a economia no mundo passou por várias oscilações, a exemplo de após a primeira Guerra Mundial, onde ocorreram diversas alterações no mapa po-

lítico-econômico, diante da quebra da supremacia da Inglaterra e França, que saíram do confronto em grave crise, devido às perdas da guerra, porém, em contrapartida surgiram novas grandes potências tal qual os Estados Unidos, antes devedores da Inglaterra e ao final, credores.

A partir de 1920 a economia estadunidense apresentava-se com um mar de oportunidades e novas culturas de consumo, passando então a atender às demandas de produção, havendo com isso o crescimento na exportação de grãos, máquinas, automóveis, armas etc. Esse ápice do capitalismo estimulou grandes empresários não só à superprodução, mas também a investimentos na bolsa de valores. Contudo, essa euforia econômica esbarrou no posterior estacionamento desse consumo, gerando uma crise em larga escala com estoques abarrotados, preços despencando, altos índices de demissões, desempregos, falência em massa e, o seu ápice, a quebra da Bolsa de Valores em 24 de outubro de 1929.

Tal crise, que poderia ter sido marcada apenas por um período de recessão curto, se transformou numa tragédia econômica de grandes proporções, sendo conhecida como “A Grande Depressão”, dando indícios claros da necessidade vital de programas de gestão financeira eficientes e inteligentes para manutenção das riquezas de um país, uma vez que, segundo Ohanian (2009) tal desastre que assoberbou a economia americana não foi causado pela deflação monetária, mas pelas inflexibilidades salariais impostas pelo governo, as quais evidentemente poderiam ser contornadas provisoriamente pela redução discreta dos salários reais via expansão monetária.

Em sua obra *A Grande Depressão Americana*, Rothbard (2012), em contraponto às teorias dos economistas que culparam o “capitalismo liberal”, defendeu o conceito de que todo o processo de reajustes foi agravado em função das políticas implantadas pelo governo de Herbert Hoover, o então presidente da época, que abandonou o *laissez-faire*, a tradicional política utilizada nas depressões americanas e embarcou no que ficou conhecido como *New Deal de Hoover* (O Novo Acordo de Hoover), violando todas as regras antes tomadas.

A gestão financeira, seguindo para a década de cinquenta, que era vista de maneira apenas acadêmica, passou a ter uma perspectiva diferente, saindo da teoria e atuando na prática com uma melhor utilização do capital de giro, por meio da escolha de clientes para evitar inadimplências e maximizando os lucros das empresas.

Alguns países foram recuperando sua economia e a expressão “Milagre Econômico” passou a ser utilizada por muitos analistas diante dos surpreendentes crescimentos após a Segunda Guerra Mundial; tal termo foi utilizado pela primeira vez em 1950 com o “Milagre Alemão” e, posteriormente, repetida para o crescimento japonês na década de 1960, bem como outros países asiáticos e, finalmente, na década de 1970, no governo Médici, a expressão “Milagre Econômico Brasileiro” passou a ser usada como sinônimo do *boom* econômico observado desde 1968, onde o país deixou de ser majoritariamente rural e agrícola, para se tornar urbano e com sua produção concentrada na indústria e no setor de serviços, atingindo o ápice do crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) da época com uma forte expansão da produtividade e com a criação pelo governo de um sistema capaz de fornecer o necessário suporte finan-

ceiro ao desenvolvimento do país (BARBOSA; BARBOSA FILHO, 2014; EARP; PRADO, 2003; VELOSO *et al.*, 2008).

No entanto, com as sucessivas crises do Petróleo e suas consequências para a economia de modo geral, a população novamente sofre a perda do poder aquisitivo e os países, tanto desenvolvidos como os em desenvolvimento, passaram por recessões econômicas.

A crise Petrolífera de 1974 elevou o preço do barril do petróleo a quase 400%, passando de US\$ 3,27 em 1973 para 11,50 no ano subsequente, causando um choque, obrigando os países do mundo todo a um ajuste recessivo, incluindo o Brasil que tinha forte dependência na importação do produto, desequilibrando assim suas contas externas, forçando o governo a optar por uma nova política econômica para reequilibrar suas contas nacionais (BATARRA, 2010).

Para a saída da crise, o então governo Geisel (1974-1979), o quarto governante no regime militar, optou pela política do crescimento por endividamento, captando recursos externos para o financiamento da economia e criando o II Programa Nacional de Desenvolvimento com fortes incentivos à utilização de fontes de energia alternativa para que o progresso continuasse. Porém, tais programas, apesar dos seus avanços, endividaram ainda mais o Brasil, que mergulhou numa profunda crise econômica na década de 80, tendo uma inflação que superou os 80% ao mês.

Após um período de sucessivas tentativas e planos frustrados a fim de combater à inflação e reestruturar a economia brasileira, surgiu ainda no governo de Itamar Franco (1992-1995), a implementação do Plano Real, que consistiu em três fases: O Programa de Ação Imediata, a criação da Unidade Real de Valor (URV) e a implementação da nova moeda, o Real (a que vigora até hoje). Cada uma delas foi marcada por diferentes desafios e crescimentos que, segundo Bastos (2015, p. 135), "resultou no sucesso do controle à inflação, juntamente com o progresso da economia que cresceu à taxa média de 3,8% e o PIB *per capita*, a 2,2% – de 1994 a 1997".

A educação financeira, olhando de forma retrospectiva, fez correspondência com a história econômica do país, uma vez que cada etapa de instabilidade interferiu no planejamento individual e familiar, compelindo seus líderes a obterem um controle de orçamento para fugir de uma ruína financeira. Expandindo assim, a partir dos anos de 1999, oportunidades de maior abrangência do tema sobre gestão de finanças pessoais, que trouxe e vem trazendo informações e conceitos importantes para a possível prosperidade da classe média.

2.2 A GESTÃO FINANCEIRA PESSOAL

Compreende-se como gestão financeira pessoal, o conhecimento, a prática, a seletividade contábil e a indagação pessoal face a oferta de produtos no mercado financeiro, sobre o que de fato queremos ou precisamos. Logo, trata-se da ampliação da visão financeira sobre as escolhas eficientes diante dos recursos obtidos, da mesma forma que acontece na vida financeira de uma empresa, no tocante ao planejado, tomada de decisões, economia e investimento de recursos adquiridos.

Diante do exposto, tal gestão financeira é a disciplina contábil no âmbito pessoal, sendo válido destacar que por muito tempo esse foi um assunto de elevado direcionamento apenas para a área empresarial, não sendo utilizada para aumentar a educação e habilidades financeiras pessoais, dentro de uma sociedade que muitas vezes pouco explora as literaturas da área. Em sua obra, Kiyosaki (2017) deplora a escassez no ensino de competências financeiras nas escolas, uma vez que esse padrão traz habilidades acadêmicas que geram profissionais capacitados a ganharem muito dinheiro, mas pouco habilitados para saber como gastá-lo, não entendendo como o dinheiro funciona.

À vista disso e em resposta à tal necessidade, o Governo Federal estabeleceu por meio do Decreto nº 7.397, de 22 de dezembro de 2010 (BRASIL, 2010), a Estratégia Nacional para Educação Financeira (ENEF), que tem como público-alvo adultos e alunos das escolas públicas e privadas de todo o país e deseja aperfeiçoar o entendimento dos consumidores a respeito dos conceitos e dos produtos financeiros disponíveis, proporcionando uma maior segurança e qualidade de vida no processo de tomada de decisões, a partir das competências financeiras desenvolvidas, utilizando parcerias com agentes privados e públicos capazes de multiplicar o efeito das ações (BRASIL, 2010).

Contudo, o objetivo da ENEF abrange perspectivas de longo prazo e a temática “educação financeira” para os brasileiros ainda continua deficitária, uma vez que possui largas raízes fincadas no contexto social, visto que a maior parte da sociedade não possui conhecimento ou não despertou-se sobre o eminente consumismo de coisas supérfluas, juros moratórios derivados das ilusórias “suaves prestações”, entre outras sobrecargas de dívidas para manutenção de padrões de marcas glamorosas, quer sejam festas, roupas, viagens etc., em função muita das vezes da promoção da imagem em redes sociais, não passando de mera aparência, nada condizente com a realidade, sendo neste momento apropriado ressaltar a crítica de Cerbasi (2014 p. 32): “Os erros financeiros são verdadeiras armadilhas. Caímos facilmente nela por pura ingenuidade; depois, vivemos um verdadeiro pesadelo que pode durar meses ou anos”.

Diante da supramencionada realidade, necessário se faz o reconhecimento dos erros de percursos, más interpretações e inércia na busca de conhecimento e raciocínio sobre a importância da gestão financeira, pois é de fundamental relevância traçar e redefinir o caminho à luz das normas e diretrizes financeiras.

Coordenar bem as finanças não significa garantia ou aquisição de mais dinheiro, mas, coerente distribuição dos recursos conquistados e conseqüentemente expectativa do retorno, restringindo cada vez mais a preocupação com grandes despesas, tais como o financiamento do carro ou aluguel da casa, do mesmo modo dar atenção às despesas que considera pequenas e/ou irrelevantes no dia a dia, pois, elas quando somadas ao fim do mês têm um valor expressivo no orçamento pessoal, podendo tornar-se elevado obstáculo para a execução de projetos, frustrando assim os objetivos pretendidos.

Em suma, o desenvolvimento de uma educação financeira de qualidade traz subsídios para uma gestão financeira pessoal eficiente, capaz de possibilitar o equilíbrio dos recursos de cada indivíduo, preparando-o para imprevistos financeiros, apo-

sentadoria, proteção contra fraudes e estruturando a trajetória que deve ser percorrida para a realização dos sonhos, que, segundo BCB (2013), para serem realizados, deverão ser transformados em projetos, definindo exatamente seus objetivos, buscando planejar e descrever, de modo específico, as metas a serem alcançadas.

2.3 PLANEJAMENTO FINANCEIRO PESSOAL

Por meio de um planejamento financeiro a pessoa física pode estabelecer estratégias capazes de sanar dívidas, entabular objetivos de consumo racionais, programar aquisições de curto, médio e longo prazo e adquirir investimentos rentáveis.

No entanto, ter dificuldade em construir um planejamento financeiro é um problema de praticamente todas as famílias brasileiras, mesmo não requerendo cálculos complexos nem grandes habilidades com números. Para Cerbasi (2014), isso acontece em função de grande parte das pessoas terem a tendência de dedicarem mais tempo às exigências profissionais do que a vida pessoal e seus objetivos, bem como na dificuldade em controlar a tentação em adquirir itens de consumo, cedendo frequentemente à sedução oferecida pelo dinheiro e, por fim, na luta para alguns em manter uma rotina de controle de gastos, uma vez que não é tão prazerosa como atividades de lazer e exige inicialmente grande disciplina. Portanto, vencer esses entraves e adotar a iniciativa de traçar planos e atingi-los, pode, além de desafiador, ser muito gratificante e amplamente satisfatório.

Um fator primordial no início do planejamento financeiro é o comportamental, visto que, com a facilidade de crédito e os padrões ditados pelo marketing o consumo virou algo quase que desenfreado, acarretando sérios problemas de endividamento para muitas pessoas e famílias, que muitas vezes arruinam suas condições financeiras e provocam para si a perda da qualidade de vida.

Para Bulgarim e outros autores (2012, p. 26), o segredo para frear o impulso consumista diante do desejo da compra é “sempre perguntar-se se realmente precisa daquele objeto, pois é essencial diferenciar as necessidades dos seus objetos de desejos”. Eles acrescentam outras ideias como: imaginar que passou a ganhar menos, pesquisar preços, deixar cartões de crédito e talões de cheque em casa, evitar lojas ou sites que ofereçam os “objetos de desejo” (grifo nosso) e sempre efetuar uma análise em relação ao consumo, não com o intuito de se privar, mas de aprender a se programar para tal e adquirir um perfil poupador.

Outro ponto de extrema importância para que o planejamento financeiro individual ou familiar seja eficiente é o equilíbrio orçamentário, o que para os economistas significa gastar menos do que ganha, fazer sobrar dinheiro e investir regularmente. De acordo com Cerbasi (2014, p. 63) “boa parte dos motivos para o fato de não sobrarem recursos para poupar não está nos grandes gastos do orçamento. Está nos pequenos, aqueles que fogem ao controle”.

Assim, para que se tenha o tão sonhado controle das despesas, é de suma importância a elaboração de uma lista de forma sistemática, de todos os desembolsos,

mensal, semanal e diário, desde o cafezinho à água, passagem do transporte, gastos inesperados, doações, enfim, tudo que sair da carteira diariamente até o final do mês será o gasto de fato, para assim adquirir uma visão real e informativa do quadro financeiro pessoal, com o intuito de direcionar as ações de economia e investimento, inclusive de lazer, assim:

O ideal é ter conhecimento detalhado de seus gastos mensais e agir de acordo com essa informação, adotando iniciativas que viabilizem uma poupança regular, para dar mais qualidade a seu consumo e para possibilitar pequenos luxos, afinal, ninguém é de ferro. (CERBASI, 2015, p. 26).

Nesse passo, após alguns meses de disciplinada anotação diária das despesas, tem-se a saber o real direcionamento dos recursos e a média de gasto, tais quais: alimentação, deslocamento, encargos, roupas, lazer, moradia, previdência, entre outras, tal controle promoverá o deferimento das despesas que podem e devem ser eliminadas, trazendo assim uma melhoria no orçamento mensal, mediante o pagamento de dívidas antigas ou adiantamento de parcelas futuras, para fins de descontos. Logo:

É preciso ser rígido no controle dos gastos adicionais, que são aqueles extras como lazer e vestuário, por exemplo. É possível economizar bastante fazendo um corte nesses itens, porque eles fazem pouca diferença na rotina. Quando o orçamento estiver controlado, é possível voltar a colocá-los aos poucos entre os seus gastos. (BULGARIM *et al.*, 2012, p. 21).

Em remate, diante do supracitado tema, é sugerido após a listagem precedente, o uso de uma planilha para controle financeiro pessoal, com a relação de todos os tipos de gastos a fim de trazer benefícios no processamento de informações e dados necessários para posteriores decisões, conforme o modelo proposto na Tabelas 1 a seguir.

Tabela 1 – Resumo anual do fluxo financeiro pessoal

RESUMO ANUAL
Proventos
Gastos com Moradia
Saúde, Previdência e Seguro
Despesas Bancárias
Despesas com Transporte
Outras Despesas

Fonte: Produzido pelos autores (2019).

3 DISCUSSÕES

Frente ao exposto no tópico anterior, pode-se afirmar que uma planilha devidamente preenchida permite o desenvolvimento da autodisciplina, habilidades contábeis, estabelecimento de metas e controles dos excessos, meras ou consideráveis correções e mudanças de hábitos domésticos, pessoais e sociais, bem como de mentalidade sobre a própria temática, explorando e aplicando a melhor metodologia orçamentária pessoal, ao tomar nota de todos os investimentos e gastos. Contudo, é de suma importância dedicar tempo à sua construção e examiná-la com periodicidade, para que o aprendizado cotidiano seja agregado e se obtenha avanços contínuos, pois:

Se o planejamento financeiro familiar pode ser comparado à rotina de atividades saudáveis e à dieta alimentar da família, eu associo as dívidas à gordura do corpo. Podemos viver perfeitamente sem ela [...] O excesso de gordura não indica maior nível de satisfação, mas sim de problemas. A obesidade financeira, se não diagnosticada e controlada a tempo, certamente resulta em sofrimento, seja no convívio com ela, seja na tentativa de eliminá-la. (CERBASI, 2015, p. 95).

Dessa forma, faz-se necessário empregar todos os esforços para pagá-las em menor tempo possível, uma vez que os juros correntes podem trazer prejuízos ainda maiores, adiando a quitação delas, bem como adotando uma política de racionamento. Para tal, é aconselhável cortar drasticamente os gastos, listando uma série de medidas a serem tomadas:

Economizem energia, água, gás. Compreem mais tarde na feira, cortem os supérfluos no supermercado, proibam a si mesmos de gastar com lazer e vestuário. Economizem gasolina: andem de ônibus. Proponham-se realmente a fazer sobrar dinheiro. Usem todos os tipos de poupança que vocês têm. De nada adianta não mexer nos investimentos e perder mais com os juros da dívida. O mesmo vale para bens como terrenos e imóveis à espera de valorização. Vendo o que for comprado além da conta e não está sendo usado. Não há investimento bom para quem está atolado em dívida. (CERBASI, 2014, p. 76).

Desse modo, freando a saída de dinheiro, será possível organizar as dívidas por ordem de relevância de acordo com a Tabela 2, a fim de equilibrá-las e pagá-las de forma sistemática para poder continuar avançando no cumprimento das metas financeiras.

Tabela 2 – Planilha de organização das dívidas

Dívida	1	2	3	4	5
Tipo					
Credor					
Taxa de juros					
Total de prestações					
Prestações a pagar					
Valor das prestações					
Valor em atraso					R\$ -
Valor a pagar					R\$ -
Total a pagar					R\$ -

Fonte: Produzido pelos Autores (2019) com base em Cerbasi (2015).

Em paralelo a atividade referida, outro instrumento contábil de grande eficácia é o Fluxo de Caixa, que permite acompanhar o saldo diário a fim de mostrar os gastos não programados que venham a desestruturar o planejamento pessoal, tal modelo para aplicação está exemplificado na Tabela 4 a seguir, onde os históricos de entradas e saídas foram meramente ilustrativos.

Tabela 2 – Fluxo de caixa do mês de outubro

Dia	Histórico	Saldo Inicial	Crédito	Débito	Saldo Final
1	Resultado anterior				
1	Antecipação salarial				
1	Aluguel				
2	Luz				
6	Prestação do carro				
7	Cartão de crédito				
7	Venda do carro				
7	Compra de moto				

Fonte: Produzido pelos autores (2019) com base em Silva e Toccheto, 2016.

Para Silva e Toccheto (2016) “tal ferramenta é especialmente útil para indivíduos operando em déficit, pois facilita a realocação de pagamentos, postergando-os para momentos de menor impacto negativo”. Para indivíduos com uma situação financeira positiva é ideal que esta ferramenta seja realizada juntamente com o Balanço Patrimonial a fim de balancear ativos e passivos como abordado no Tabela 5.

À vista disso, tais indicações trarão em médio e longo prazo resultados extremamente satisfatórios para as finanças, não apenas como um caminho para não

“ficar no vermelho”, mas também como meio de se atingir os objetivos, conquistar o padrão de vida desejado e ser capaz de mantê-lo, uma vez que a tranquilidade financeira futura é tão importante quando a presente.

Assim:

Investir é o caminho da garantia ou da melhora no futuro daquilo que se construiu até hoje. É possível alcançar um padrão de vida bastante superior ao que temos hoje se usarmos quatro ingredientes fundamentais: tempo, dinheiro, decisões inteligentes e juros compostos. (CERBASI, 2014, p. 118).

Ou seja, o intuito de um bom planejamento financeiro pessoal não é apenas tornar-se um bom acumulador, mas, por meio de investimentos inteligentes e dedicação, multiplicar o que poupou.

O Brasil atualmente dispõe de uma economia muito mais sólida do que em qualquer fase dos dois séculos anteriores, permitindo o brasileiro construir riquezas a partir de investimentos, sejam eles em Renda Fixa (Caderneta de Poupança, Títulos Públicos, Tesouro Direto, Certificados de Depósito Bancário - CDB, Letras de Crédito Imobiliário - LCI, Letras de Crédito do Agronegócio - LCA etc.) pré ou pós-fixadas, ou em Renda Variável (Ações, Derivativos, Câmbio, Fundos de Ações, entre outros). Adotados pelo investidor a partir de suas expectativas e conhecimento tanto dos riscos quanto da rentabilidade e tributos exigidos.

Hoje, uma gama de materiais está disponível para maiores esclarecimentos desses conceitos em livros, sites, blogs e até em grandes plataformas de compartilhamento de vídeos. Corroborando com a abordagem mencionada, Kiyosaki (2017, p. 95) declara que “mais importante que o dinheiro para sobreviver é a nossa educação e capacidade de aprender”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, um dos alvos humanos e sociais é a providência de um seguro financeiro para descansar após uma vida de exercício laborativo, alcançada as condições físicas e etárias. Portanto, é questão de educação e disciplina financeira, mês a mês, bem como de consequências futuras, sendo necessária a aplicação e a reserva de recurso, tanto para despesas com saúde, moradia, segurança e bem-estar, quanto para a geração posterior. Logo, é inegável a urgência da eliminação de despesas supérfluas excessivas, bem como na criação de um fundo emergencial, uma previdência privada e investimentos que possibilite uma renda na velhice.

Contudo, sabe-se que o domínio das finanças pessoais é aprender a produzir informação, poupar e aplicar, mas, um dos meios de tornar isto possível é o profundo conhecimento do que se tem e do que não se tem, ou da perspectiva do que se deve fazer, quer seja para alcançar a tão sonhada viagem, a troca do carro, educação os

filhos, autossustento e conforto, múltiplos investimentos ou na culminância do estoque de rendimentos. Em suma, tudo resulta no planejamento, plantando hoje uma atitude de organização financeira para colher no amanhã a meta estabelecida.

Por conseguinte, em última análise e explanação, o mais importante é que os gastos nunca ultrapassem as receitas, que as planilhas sejam utilizadas, e que sejam estabelecidas as prioridades e um acompanhamento realístico atualizado, exercitando assim a temática da gestão financeira pessoal.

REFERÊNCIAS

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Caderno de educação financeira: gestão de finanças pessoais**. Brasília, DF: BCB, 2013. 72 p. Disponível em: https://www.bcb.gov.br/pre/pef/port/caderno_cidadania_financeira.pdf. Acesso em: 1 jan. 2019.

BARBOSA, F. de H.; BARBOSA FILHO, F. de H. O Brasil pode repetir o milagre econômico? **Revista de Economia Política**, v. 34, n. 4 (137), p. 608-627, out./dez. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rep/v34n4/v34n4a06.pdf>. Acesso em: 22 maio 2019.

BASTOS, E. K. X. Plano real, consolidação da estabilidade, crise internacional e desequilíbrios (1994-1998). *In*: RIBEIRO, Fernando José da S. P. *et al.* (org.). **Economia brasileira no período 1987-2013: relatos e interpretações da análise de conjuntura no Ipea**. Brasília: IPEA, 2015. 450 p.

BATARRA, F. W. O PAEG e o “Milagre Econômico” Brasileiro. Monografia de Conclusão de Curso (Curso de Economia) – Faculdade de Economia e Administração de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, SP, 2010.

BRASIL. **Decreto-lei nº 7.397**, de 22 de dezembro de 2010. Institui a Estratégia Nacional de Educação Financeira - ENEF, dispõe sobre a sua gestão e dá outras providências. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 23 dez. 2010. Seção 1, p. 8.

BULGARIM, Maria Clara Cavalcante *et al.* **Orçamento familiar e o controle social: instrumentos de organização da sociedade**. 2. ed. Brasília: Fundação Brasileira de Contabilidade, 2012.

CERBASI, Gustavo. **Casais inteligentes enriquecem juntos**. Rio de Janeiro: Sextante, 2014.

CERBASI, Gustavo. **Como organizar sua vida financeira**. Rio de Janeiro: Sextante, 2015.

DASE – Decision Analytics da Serasa Experian. 2018. Disponível em: <https://www.serasaexperian.com.br/sala-de-imprensa/inadimplencia-do-consumidor-atinge614-milhoes-revela-serasa>. Acesso em: 30 out. 2018.

EARP, F. S.; PRADO, L. C. O “Milagre” brasileiro crescimento acelerado, integração internacional e distribuição de renda 1967-1973. *In*: FERREIRA, J.; DELGADO, L. [org.]. **O Brasil republicano, o tempo da ditadura**: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. vl. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

KIYOSAKI, Robert T. **Pai rico pai pobre**: o que os ricos ensinam a seus filhos sobre dinheiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Alta Books, 2017.

KLONTZ, Brad. KLONTZ, Ted. **A mente acima do dinheiro**: o impacto das emoções em sua vida financeira. São Paulo: Novo Século, 2011.

ROTHBARD, Murray N. **A grande depressão americana**. Tradução de Pedro SetteCâmara. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2012.

SILVA, Rogerio da; TOCCHETTO, Francieli de Cassia. Planejamento das finanças pessoais: A importância do uso das ferramentas contábeis. *In*: Inovação, Tecnologia, Gestão e Sustentabilidade. **Anais Eletrônicos**. Tangará da Serra (MT) UNIC TANGARÁ, 2016. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/joep/33661-planejamento-das-financas-pessoais--a-importancia-do-uso-das-ferramentas-contabeis/>. Acesso em: 1 maio 2019.

VELOSO, F. *et al.* Determinantes do “Milagre” econômico brasileiro (1968-1973): uma análise empírica. **Revista Brasileira de Economia**, Rio de Janeiro, v. 62, n. 2, p. 221-246. Abr./jun. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbe/v62n2/06.pdf>. Acesso em: 31 dez. 2018.

Data do recebimento: 21 de julho de 2019

Data da avaliação: 30 de julho de 2019

Data de aceite: 30 de julho de 2019

1 Graduado em Ciências Contábeis pela Universidade Tiradentes – UNIT. E-mail: emilsocosta@gmail.com

2 Mestre em Ciências Ambientais pelo PROF-CIAMB UFS (2018); Doutorando em Ciências da Propriedade Intelectual pelo PPGPI-UFS; Especialista em Gestão Fiscal e Planejamento Tributário (2011); Graduado em Engenharia Civil pela Universidade Tiradentes (2017) e em Ciências Contábeis pela Universidade Tiradentes (2009); Professor da Universidade Tiradentes lotado na Coordenação de Ciências Contábeis, membro do Núcleo Docente Estruturante dos Cursos de Ciências Contábeis (Presencial e EAD); Possui experiência em gerenciamento financeiro e contábil, com ênfase em gestão de custos e na construção civil como projetista e orçamentista. E-mail: dyego2s@hotmail.com

3 Especialista em Controladoria e Finanças pela Faculdade de Tecnologia e Ciências de Feira de Santana-BA; Graduada em Ciências Contábeis pela Faculdade Santíssimo Sacramento-BA (2011); Professor Tutor Virtual na Universidade Tiradentes – UNIT; Experiência na área de Administração, com ênfase em Financeiro, atuando principalmente nos temas: gerência administrativa, recrutamento e seleção, capacitação de recursos humanos, setor financeiro de exportação. E-mail: igor_amaral@unit.br